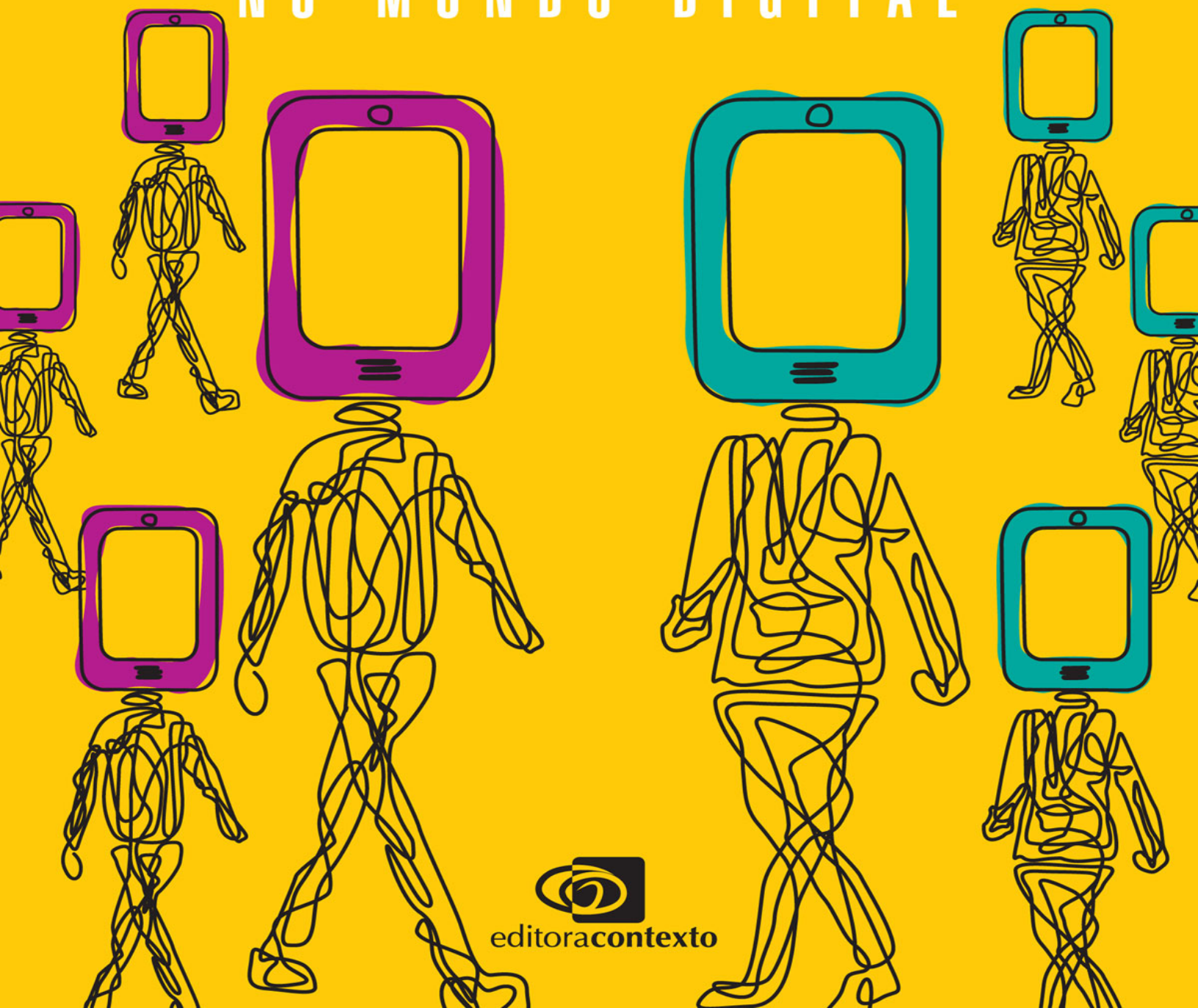


ANDRÉS BRUZZONE

CIBERPOPULISMO

POLÍTICA E DEMOCRACIA
NO MUNDO DIGITAL

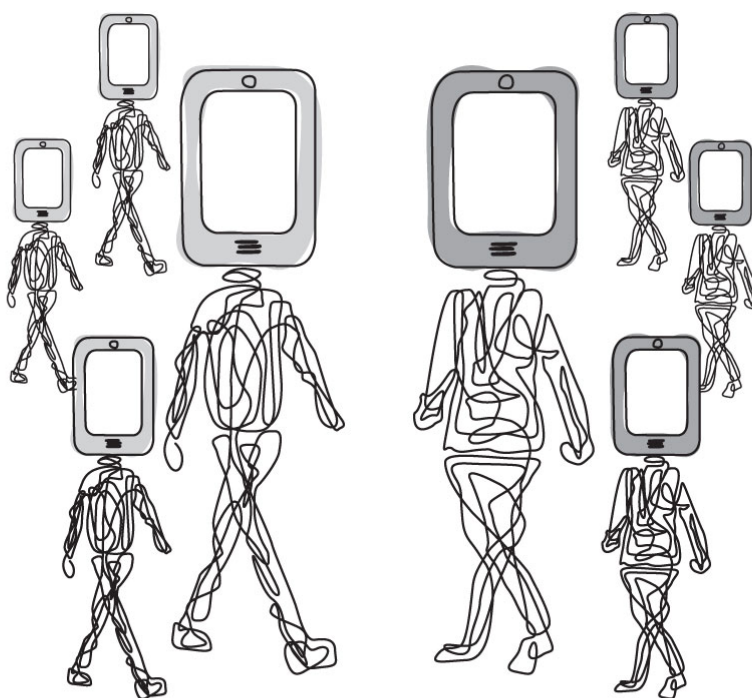


editoracontexto

ANDRÉS BRUZZONE

CIBERPOPULISMO

POLÍTICA E DEMOCRACIA
NO MUNDO DIGITAL



editora**contexto**



Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia sem a autorização escrita da Editora. Os infratores estão sujeitos às penas da lei.

A Editora não é responsável pelo conteúdo deste livro. O Autor conhece os fatos narrados, pelos quais é responsável, assim como se responsabiliza pelos juízos emitidos.

Consulte nosso catálogo completo e últimos lançamentos em **www.editoracontexto.com.br**.

Copyright © 2021 do Autor

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Montagem de capa e diagramação
Gustavo S. Vilas Boas

Coordenação de textos
Luciana Pinsky

Preparação de textos
Lilian Aquino

Revisão
Bia Mendes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bruzzone, Andrés
Ciberpopulismo : política e democracia no mundo
digital / Andrés Bruzzone. – São Paulo : Contexto,
2021.
228 p.

Bibliografia
ISBN 978-65-5541-064-8

1. Comunicação 2. Ciência política 3. Populismo 4.
Democracia 5. Mídias digitais I. Título

21-1406

CDD CDD 302.2

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Índice para catálogo sistemático:
1. Comunicação social

2021

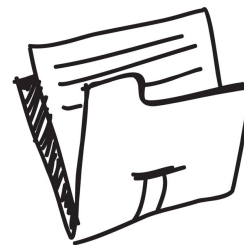
EDITORA CONTEXTO
Diretor editorial: *Jaime Pinsky*

Rua Dr. José Elias, 520 – Alto da Lapa

05083-030 – São Paulo – SP
PABX: (11) 3832 5838

contexto@editoracontexto.com.br
www.editoracontexto.com.br

*A Bernardo e Victoria. Porque são, porque estão. Devo a eles a força para
viver e escrever este livro.*



Sumário

INTRODUÇÃO

HOMO COMMUNICANS

Ubuntu: sou porque somos

O tamanho do mundo

O novo ecossistema da mídia

Tiranossauro rex 2.0

Destinos em xeque

Usuário ou produto?

Uberizados

A fórmula Netflix

CIBERPOPULISMO, O NOVO NOME DA POLÍTICA

Populismo, uma definição

Populismo + digital = ciberpopulismo

Democracia ameaçada: EUA

Democracia e comunicação

Vício sem substância

Indignados.com

Novos atores, velhas tensões

Populismos de esquerda e de direita

Valores

Paradoxos da liberdade

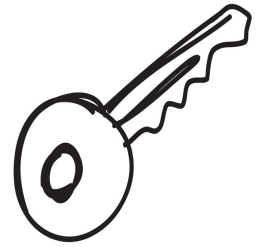
Como será o amanhã

O Brasil partido

CONCLUSÃO – A LIBERDADE É PLURAL

O AUTOR

AGRADECIMENTOS



Introdução

“[...] e a alma não pode existir sem sua outra parte que se encontra sempre em um ‘você’.”

C. G. Jung

Uma convicção pode ser a mais perversa das prisões. Quando o que sei não pode ser questionado, escuto apenas aquilo que confirma o que acredito. O que é diferente recuso. Quando tenho toda a razão e o outro, nenhuma, não existe diálogo. Preso às minhas convicções, reduzo a possibilidade de pensar. Não há como aprender sem estar disposto a mudar de ideia, e para mudar de ideia é preciso aceitar que minha convicção pode estar errada.

Polarização é quando duas convicções opostas ocupam todos os espaços do debate político. Quando a política se transforma em mero embate entre posições que se excluem, sem pontos de encontro nem terreno comum. Quando não há adversário, mas inimigo. As alternativas, aquelas posições que não se encaixam em nenhum dos dois lados, são postergadas ou negadas. O debate se faz impossível. É como se as mensagens transitassem por canais paralelos ou fossem ditas em línguas diferentes: eu falo em aramaico, você responde em sumério. Pior: a língua é a mesma, as palavras são iguais – mas significam coisas diferentes dependendo de quem diz.

Paramos de escutar, não interessam os argumentos. Deixa de importar o que é dito, importa *quem* disse: se foi alguém que é da minha posição, vou defender sem questionar. Mas, se for do outro lado, nego e rebato. Trocam-se palavras de ordem e memes, há menosprezo pelo argumento. Quem não está alinhado com uma das duas posições dominantes não tem voz: o que disser será entendido como apoio ou crítica a um dos dois polos. “Se você não concorda comigo está fazendo o jogo de X”. “Você diz isso porque no fundo você é Y”. As ideias se impõem por relação de força – não a força da razão, mas a razão da força. Quem grita mais leva. As posições são sempre no branco ou preto, não existem nuances. É a morte das ideias, o fim da inteligência.

O bom senso é a coisa mais bem distribuída do mundo: nunca ninguém reclama de ter recebido pouco, disse o filósofo francês René Descartes no início de seu *Discurso do método*. Com as ideologias ocorre algo semelhante: nunca ninguém se queixa de ter o juízo distorcido pela própria ideologia. O viés ideológico só afeta os outros. Jamais nos questionamos: será que eu também não estou vendo a realidade? E se o que para mim é tão óbvio for produto de uma ideologia que não me permite ver diferente? É tão claro e tão evidente que não há espaço para dúvidas – e isso é muito perigoso.

Pluralismo democrático exige confrontação e debate. Em toda sociedade há necessidades contraditórias que precisam ser resolvidas, e a democracia é o sistema de governo que permite encontrar soluções negociadas aos conflitos. Como se distribui a carga de impostos, que impacta na distribuição da renda; se é direito de uma mulher abortar ou se cabe ao Estado a proteção de um feto; se haverá um pacote de ajuda ao grupo mais prejudicado por uma crise ou se irá se apoiar um setor da economia. É necessário estabelecer prioridades entre atividades essenciais: fazer mais hospitais ou mais escolas, melhorar a infraestrutura logística para exportações, promover a ciência, apoiar o desenvolvimento tecnológico... Sociedades mais maduras têm acordos mais estáveis que aquelas onde as tensões ainda precisam de muitos ajustes. Mas o sistema de regulação da democracia é flexível e instável: as tensões nunca

desaparecem e, por isso, novas soluções são sempre necessárias. O debate pode ser acalorado e se fazer visível em ruas ocupadas por manifestantes, em greves e em discussões ou até mesmo brigas entre os representantes eleitos no congresso. Essa fricção permanente, que pode parecer ruído e confusão, é a sustentação que mantém vivas as sociedades democráticas. Onde não há debate, os conflitos foram sepultados por uma força maior: a opressão de uma classe, um modelo de controle político ou ambos os fatores combinados. Por isso, democracias saudáveis são barulhentas e dinâmicas, nunca silenciosas ou estáticas.

Em democracia, o debate ocorre entre adversários, nunca entre inimigos. A diferença é sutil e importante. O inimigo não tem legitimidade, é aquele que deve ser aniquilado para que não me aniquile: a sua existência me ameaça, mas sobretudo ameaça o espaço comum e a possibilidade mesma de debater. Já entre adversários há um acordo de preservação daquilo que é compartilhado, do lugar em que o debate ocorre, e há um reconhecimento recíproco que é anterior às diferenças e que precisa ser mantido.

O debate morre quando é substituído por uma lógica de inimigos que se opõem. A única forma de preservá-lo é não se rendendo a essa lógica binária dos polos opostos, desmontando a armadilha, expondo seu mecanismo e praticando a escuta honesta e a explicação paciente. Não é fácil quando uma força política se define pela morte do diálogo. A sociedade democrática se pergunta: qual o limite da escuta quando o outro quer me calar a qualquer custo? Partidos fascistas usam os mecanismos democráticos para ocupar espaços de poder e, então, minar a democracia de dentro dela. Regimes autoritários nascem e se desenvolvem usufruindo da liberdade de expressar seu ideário de ódio e crescem e se alimentam da polarização. Isso coloca os democratas numa situação paradoxal: a força que ameaça a democracia deve ser contida. O perigo, quando as democracias impõem limites aos autoritários, é se converterem naquilo que estes querem fazer delas.

Uma sociedade polarizada se torna mais burra, mais autoritária, menos democrática. O Brasil é exemplo disso. Um país rachado onde a polarização colocou no poder um governo fascista que hoje a promove e cultiva. O bolsonarismo nasceu da substituição de um debate político plural por uma lógica PT/Anti-PT. O PT era o inimigo que devia ser tirado do poder, sem importar que o preço fosse violentar as instituições ou mesmo votar em um defensor confesso de regimes autoritários. A política passou a se definir por dois polos que atraem e afastam com intensidades semelhantes: PT/Anti-PT ou Bolsonaro/Anti-Bolsonaro. A dinâmica dos uns contra os outros domina. Ficaram para trás o mito do país cordial, a gentileza, a agenda comum capaz de elevar o país ao patamar de uma das grandes nações do planeta. Perderam espaço o diálogo e a concordância. As vozes do meio são abafadas pelos gritos do extremo. Liberou-se uma torrente de ódio, de violência e de intolerância que arrasa com os espaços comuns de pensamento.

O fenômeno não é apenas brasileiro: o mundo foi tomado por posições extremas, toscas e primárias. As explicações e teorias sobre o porquê disso levam em conta vários fatores: a evolução do capitalismo após a queda do muro de Berlim, a mudança nas relações de produção fruto da tecnologia e a precarização dos trabalhadores e dos movimentos operários; o fracasso das promessas de progresso permanente do que se chamou “o sonho americano”; os grandes deslocamentos populacionais e as tensões sociais por eles provocadas em países centrais; a globalização e a entrada em cena de pautas identitárias que questionam modelos e valores tradicionais. Isso tudo alimentando sentimentos de insegurança e frustração, de perda de garantias e de incerteza sobre o futuro. Os fatores são muitos e diferentes teorias abundam. Mas o elemento primordial que ninguém pode ignorar é a comunicação.

A capacidade de pensar e agir coletivamente é um dos grandes diferenciais da espécie. Somos seres comunicantes e nossa vida com os outros está definida pela forma como nos comunicamos, por isso a matéria-prima da política sempre foi a comunicação. Cada avanço nas tecnologias de comunicação teve

consequências fortes na forma de organizar as sociedades. Por exemplo, os jornais impressos estão na origem da democracia e o advento da propaganda política está associado ao nascimento do rádio. Mas nunca o papel da comunicação foi tão determinante como é hoje.

Para um cidadão do século XXI, boa parte da vida transcorre no mundo virtual e está ligada às novas tecnologias. Acordamos com o alarme do celular. Consultamos mensagens antes de tomar o café da manhã. Lemos as notícias no *tablet*. Treinamos na academia com os fones de ouvido, olhando para a tela da TV. Fazemos reuniões virtuais. Criamos documentos e os encaminhamos para nossos colegas, clientes, chefes. De carro ou patinete solicitados por aplicativos, chegamos ao restaurante, para ocupar a reserva feita com o atendente virtual. Por uma rede social, compartilhamos fotos de nossa comida enquanto curtimos as paisagens publicadas por amigos e nos alegramos pelos momentos felizes da família. Numa outra rede social, nos indignamos, opinamos, participamos da vida política. Atualizamos nosso perfil profissional acrescentando o curso online que acabamos de fazer. Antes de chegar em casa, conectamos os sistemas de luz, som e aquecimento pelo assistente que nos fala e nos escuta. Pedimos comida, transporte, flores de presente... apenas apertando botões virtuais de uma tela tátil. Assistimos a um seriado ou filme. Fazemos amor com música que nos chega por um serviço de *streaming* e dormimos com o som relaxante de um aplicativo de meditação.

Se esse retrato reflete a vida de alguém bastante tecnológico e privilegiado, o impacto das tecnologias de comunicação não é menor no campo, no deserto, nas regiões mais afastadas – talvez seja até maior. Pescadores artesanais têm sua navegação orientada por aplicativos, as previsões meteorológicas por satélite auxiliam os camponeses do altiplano peruano, os massais usam seus smartphones enquanto percorrem com suas vacas as longas distâncias da savana africana. Mais próximos de nossa realidade, entregadores de pizza, motoristas de Uber, professores de ginástica, vendedores, prestadores de serviços domiciliares dependem hoje de dispositivos de comunicação. Não existe

atividade humana que não tenha sido alterada pelas novas tecnologias e hoje é inconcebível alguém não possuir um endereço de e-mail, um número de celular ou acesso à rede.

As novas tecnologias da comunicação mudaram radicalmente também a forma de nos relacionarmos com a política. Desde o modo como acompanhamos as notícias – por sites e/ou aplicativos – até os meios disponíveis para manifestar descontentamento ou fazer petições, o mundo digital abriu novas formas de participação e mudou – e está mudando – as regras do jogo de poder. Algumas mudanças foram positivas, outras não. Entre as inovações que a comunicação digital em rede incorporou na política está o ciberpopulismo. A combinação eficiente de técnicas de propaganda do século XX com as possibilidades abertas pela tecnologia no século XXI já mostrou sua capacidade de causar alterações estruturais nos países e na geopolítica.

A base do ciberpopulismo é o populismo, que na essência é um esquema narrativo a serviço da tomada e da manutenção do poder. O modelo é simples: há um inimigo que deve ser derrotado, um povo que deve ser salvo e um líder capaz de fazer isso. No relato populista, quem é o inimigo pode mudar de acordo com a necessidade: podem ser os imigrantes, os judeus, os esquerdistas; ou o império ianque, as oligarquias, o *establishment*... Este relato é antigo e tem servido a muitos demagogos, independentemente da ideologia: o populismo serve bem a governos de direita e de esquerda. Mas ainda que não seja uma ideologia, é filho de uma posição ideológica em que algumas formas da direita se encontram com algumas formas da esquerda: a dos opostos que se excluem, uma visão binária do mundo em que há somente amigos e inimigos. Quem tenta pensar fora dos polos dificilmente será ouvido e certamente não terá espaço nos grandes debates. Em um mundo em preto e branco, não há lugar para o cinza – nem para o rosa, o verde, o azul...

O mantra de um populista é: *nós* temos toda a razão, *eles* não têm nenhuma. Não apenas os populistas pensam assim – mas eles é que fazem desse mantra o sustento de uma forma de fazer política. O contrário do populismo é

o pluralismo, a crença de que não há duas visões únicas do mundo. Pluralista é quem entende que a verdade não se obtém derrotando um inimigo, mas que é o resultado de um processo construído a muitas vozes. Ser pluralista é aceitar que a verdade nunca é definitiva, que está sempre em construção. Mentres simples exigem explicações simplistas em que não cabe a complexidade de um mundo cheio de nuances e em mudança constante. Por isso, o mundo de um democrata é mais rico que o de um populista.

* * *

Este livro se compõe de duas seções. Na primeira, a questão central é a comunicação, como era e como é e de que maneira define nosso comportamento e nosso lugar no mundo como indivíduos e como sociedades. Na segunda, o foco está na construção de uma nova realidade da política a partir do encontro de técnicas muito antigas de conquista do poder com as mais modernas tecnologias da comunicação. Interessam especialmente as consequências, na forma de polarização social e crescimento das posições de extrema direita, e os riscos para a democracia. Por fim, analiso as possíveis saídas para os impasses que nos preocupam: menos democracia, mais intolerância, retrocessos na inteligência e na sabedoria de algumas nações, entre elas o Brasil.

Começo, então, abordando a comunicação humana e sua função na construção dos indivíduos e das sociedades. As teorias da comunicação do século XX, que serviram para entender os meios de comunicação analógicos, não servem para a realidade – dinâmica e muito mais sofisticada – do século XXI. Por isso, recorro a novas ferramentas teóricas, capazes de mostrar como o novo paradigma da comunicação mudou o que é ser humano. *Homo communicans* é um conceito construído com base na Filosofia da Comunicação, com apoio da Antropologia, da Psicologia e da Sociologia.

Para compreender o lugar que ocupam os gigantes tecnológicos da informação e até que ponto eles influenciam o curso do mundo, o livro aborda o nascimento e a evolução do chamado sistema dos *mass media* e sua relação com democracia e capitalismo, além da história da cultura e a teoria dos meios. Analiso a questão também por um ponto de vista mais prático: a experiência de mais de três décadas como jornalista, executivo, consultor e empresário.

Toda a pesquisa sobre a comunicação e como ela define o ser humano, combinada com uma visão estrutural dos meios, permitirá discorrer, em seguida, sobre a democracia em tempos digitais, na segunda seção. Veremos como a comunicação digital em rede se encontra com o antigo populismo para dar lugar a uma ferramenta poderosíssima e perigosa: o ciberpopulismo.

Este livro mostra, finalmente, como a extrema direita abusa das liberdades que a democracia oferece, sempre com um olhar que leva em consideração as consequências da evolução tecnológica.

Algumas questões funcionam como fio condutor e são respondidas ao longo dos capítulos:

- Como entender a comunicação, hoje, na era dos meios digitais?
- De que maneira a nova comunicação influencia como as pessoas se relacionam entre si, pensam e conduzem suas vidas?
- Qual o impacto da comunicação atual nas democracias?
- Qual é hoje o papel dos meios de comunicação (novos e antigos) e dos partidos políticos?
- O que é ciberpopulismo? Como funciona?
- Quais são os novos atores políticos filhos do ciberpopulismo?
- Em que mudou a maneira de votar e qual o papel dos valores nessa mudança?
- Por que o Brasil está polarizado e quais os riscos dessa polarização?
- O ciberpopulismo resulta necessariamente em governos intolerantes e autoritários ou é possível criar alternativas democráticas a partir dele?
- Como sair da armadilha da polarização?

Para chegar às respostas dessas perguntas é necessário mobilizar várias disciplinas e saberes, dada a complexidade do assunto. Somente uma abordagem multidisciplinar e um percurso abrangente permitem dar conta de um fenômeno tão dinâmico e extenso quanto o da comunicação e suas consequências políticas e sociais. O objetivo é que o leitor ou a leitora tenham elementos para formar sua própria visão crítica. Poderá ou não concordar com as conclusões, mas isso não é um problema. A verdade é plural e pontos de vista diferentes enriquecem a nossa compreensão do mundo.



Homo communicans

“E eu faço questão de ser no meu Que cabe tu, e é só teu.”

Anavitória

Subo em um Uber e algo chama a minha atenção: o motorista tem apenas uma perna. Pergunto o que aconteceu e ele, sem se incomodar, conta do acidente, com uma betoneira de cimento, quando era ainda jovem. Relata que viu a perna sendo triturada e que os colegas o resgataram e o levaram para o hospital. Eu explico, então, o motivo de meu interesse: com um filho morto anos atrás, sempre achei que a minha situação era parecida com a de quem perdera uma perna: aprende-se a andar e ainda assim nunca será igual, a vida segue. Falamos sobre a justiça ou não de aquilo ter acontecido com ele (“por que não?”, me diz sabiamente), sobre ser diferente, mas ainda assim ser capaz de se casar (duas vezes) e ter filhos (três). A viagem levou mais de uma hora e houve tempo para falarmos sobre aceitação, sobre a escolha de lidar com os fatos mais difíceis sem autocompaixão. Houve muitos pontos de concordância e eu aprendi com a experiência daquele homem.

Costumo conversar com os motoristas, muitas vezes sobre o trânsito ou o clima: é fácil concordar sobre fatos pontuais. A cada dia, eles compartilham as mesmas considerações com passageiros, que são intercambiáveis como as

opiniões, que são as mesmas ou muito parecidas. Mas se o assunto recai sobre política ou religião, aumenta a chance de a conversa se tornar menos consensual: podemos estar de acordo que a qualidade dos políticos brasileiros é ruim, mas ele pode defender uma intervenção militar e eu ser a favor de mais democracia. Se a viagem for longa e o espírito, adequado, podemos falar sobre liberdade e justiça – e eventualmente chegarmos a um acordo. Dificilmente serei original: minhas opiniões serão próximas das de outro passageiro, que veio antes ou virá depois de mim. Mas o diálogo com o motorista de uma perna foi diferente.

Algo muito especial aconteceu naquele carro. Cada um foi único, singular, com sua história e suas experiências: o que se chama de comunicação entre existências e encaminha a explicação da primeira das questões deste livro: Como compreender a comunicação na era digital?

Não se tratará ainda de tecnologias digitais ou de redes informáticas. Antes de discutir os meios com os quais nos comunicamos, será necessário entender o que é *se comunicar*. Como e por que a comunicação define aspectos fundamentais da vida e o que é esse milagre pelo qual aquilo que está na minha consciência pode não apenas atravessar as barreiras do tempo e do espaço, mas também e sobretudo as da consciência individual. Para isso a Filosofia da Comunicação desenvolveu definições e modelos que relacionam comunicação com existência: o ser humano é um ser comunicante, a sua existência depende disso.

Comunicação é, então, uma condição do ser humano: não é uma habilidade, não é uma ferramenta, não é um mecanismo. Assim como a liberdade e a história, ela é um dos elementos que fazem do homem, homem. Para que um ser seja considerado humano são necessários alguns elementos: não basta um corpo com certas características, é preciso que tenha capacidade de sentir, pensar e aprender modelos de simbolização e práticas grupais. Todas essas características dependem de uma condição prévia que é a comunicação. É por isso que dizemos que é a comunicação que faz de um homem, homem.

Reduzir a comunicação a um modelo de troca de mensagens ou à capacidade da linguagem nos impede de chegar no mais profundo e rico do conceito; a era digital, que levou a comunicação a graus nunca antes conseguidos, exige esse passo atrás para que possamos dar conta da questão.

A comunicação acontece em vários níveis de profundidade. A comunicação existencial, sobre a qual discorrei em breve, é o mais elaborado e profundo dos níveis de comunicação; os outros dois, mais simples, mas não menos necessários, são o empírico e o racional.¹

A comunicação empírica não questiona os usos, os costumes e as crenças: faço, penso e creio no que todos creem. A consciência individual se confunde com a da sociedade. Já a comunicação racional busca acordos sobre conceitos; é a razão que comanda, já não mais as crenças, os usos e os costumes da sociedade. Trata-se de pensar com os outros por meio da negociação, da argumentação e do diálogo na busca de universalidade: aquilo sobre o que todos poderão estar de acordo, dos números da matemática até as ideias de justiça, valor e dignidade. Há, contudo, sempre espaço para a incerteza, para novos desenvolvimentos da razão e do saber. A comunicação que alcança uma certeza não é verdadeira, porque fecha os espaços que devem permanecer prontos para que a razão do outro, uma outra razão de si, razões novas ou contrapostas, possam acontecer. Nesses dois tipos de comunicação, as pessoas que se comunicam não são realmente importantes: podem ser trocadas por outras. Posso ser eu ou pode ser alguém diferente quem aceita e concorda que $2+2=4$, qualquer um pode entender que o livro está acima da mesa e não deve voar ou virar um bicho de fogo. Assim como no banco do Uber os passageiros mudam, mas os comentários são essencialmente os mesmos.

Na comunicação existencial é onde ocorre o verdadeiro encontro, profundo e significativo, entre duas subjetividades. O mais íntimo de duas pessoas, o que poderíamos chamar de alma, que se tocam, se apoiam, contribuem mutuamente a ser. A mãe que ajuda a menina a dar os primeiros passos, o professor guiando a mão do discípulo, os amantes conversando por horas, o

casal que chora abraçado ao túmulo do filho. Não se trata de um “eu”: é um “tu” e um “nós dois”, uma doação de ser que transcende limites e supera distâncias insuperáveis, valha o paradoxo. Não estamos sós, porque há o próximo, aquele que é parte do que somos, aquele que faz a vida conosco. É a comunicação do amor em muitas de suas manifestações possíveis, que acontece em formas de comunicação que não visam ao estado de coisas do mundo nem ao acordo racional sobre conceitos, mas algo que está na matéria mesma do que somos, cada um de nós, como indivíduos.

Sabemos o que comer, como fabricar ferramentas, roupas, remédios, casas por causa da comunicação pragmática. A comunicação racional nos oferece as instituições: governo, justiça, economia, teorias que evoluem e permitem desenvolvimentos técnicos que depois se transformam em comida, ferramentas, roupas, remédios, casas... A comunicação de consciências nos torna pessoas responsáveis, cidadãs, nos permite construir identidades políticas coletivas e conceitos que vão muito além do indivíduo.

A comunicação faz nosso mundo e nos faz pessoas. Isso pode ser compreendido melhor saindo das fronteiras do nosso pensamento ocidental, aquele que conjuga Atenas com Jerusalém e do qual somos herdeiros. Existem outras formas de se aproximar do humano e uma delas, vinda da África, resulta muito pertinente para nossa discussão.

UBUNTU: SOU PORQUE SOMOS

Umuntu ngumuntu ngabantu (“Uma pessoa é uma pessoa por meio de outras pessoas”). Em línguas xhosa e zulu, essa é a definição de *ubuntu*, palavra de origem banto, o grupo de línguas faladas por 350 milhões de pessoas na África ao sul do Equador. *Ubuntu* significa ser com e pelo outro, polidez e cortesia, comunhão e compaixão, cuidado do outro sem descuidar de si. Significa o plural que não exclui o singular e vice-versa. *Ubuntu* é um “nós” elevado à condição de sustento de uma comunidade e de cada um dos seus

membros. A personalidade, a moralidade, o ser da pessoa não são inatos: se conquistam pela prática do *ubuntu*, pelo respeito do que é comum.

O *ubuntu* é a capacidade de expressar compaixão, reciprocidade, dignidade e humanidade no interesse de construir e manter comunidades com justiça e cuidado mútuo. A filosofia do *ubuntu* é integrada a todos os aspectos da vida cotidiana, um conceito compartilhado por todas as tribos da África Austral, Central, Ocidental e Oriental entre as pessoas de origem banto. A solidariedade comunitária faz possível suportar o fardo de um ambiente hostil, da fome, do isolamento, da privação e da pobreza. A visão africana da personalidade rejeita a ideia de que uma pessoa possa ser identificada pelas características físicas e psicológicas: exige a interconexão, a humanidade comum e a responsabilidade dos indivíduos entre si.

Não se trata de “penso, logo existo”, mas de “sou humano porque pertenço, participo, compartilho”. O *ubuntu* defende que as pessoas devem tratar os outros como parte da família humana extensa. Envolve sensibilidade às necessidades dos outros, caridade, simpatia, cuidado, respeito, consideração e bondade. Uma visão da vida e do mundo com base em uma “irmandade universal” sempre presente, ainda quando não seja visível. Todas as facetas da vida são moldadas para abraçar o *ubuntu*, que reflete herança, tradições, cultura, costumes, crenças, sistemas de valores e estruturas familiares ampliadas da África.

Olhando a comunicação pelo prisma do *ubuntu* é fácil compreender que é muito mais do que uma ferramenta: a comunicação nos faz humanos. Por isso, mudanças na maneira de nos comunicarmos têm consequências na política, na religião, na ciência e até mesmo no mais profundo de nossa consciência.

Comunicação é a capacidade de construir saberes plurais e de desenvolver nossa individualidade junto com os outros. Dito de outra maneira: de fazer meu “eu” participar de um “nós”. Ou de vários “nós”. Sou parte do coletivo dos homens brancos heterossexuais, dos velejadores e dos pesquisadores em Filosofia, dos estudiosos da comunicação, dos brasileiros nascidos fora, dos

argentinos que migraram... Coletivos que atravessam as nações e as épocas me aproximam de gente que não conheci nem conhecerei, pois algumas morreram há séculos. Para cada leitor ou leitora é igual: há coletivos que contêm a individualidade e a moldam de certa maneira, mas nunca totalmente; não basta um coletivo para definir uma pessoa.

Todo “eu” emerge de um “nós” ou de uma confluência de vários “nós”. Nascido em um momento do mundo e em uma cultura, participo de crenças que chegaram a mim sem que eu as escolhesse ou questionasse. Com o passar do tempo e da experiência, devo fazer as minhas escolhas: descartar algumas crenças e reforçar outras. Assim posso mudar o meu ponto de vista sobre um aspecto da vida, ou decidir entre três, dois ou mais pontos de vista contrapostos ou diferentes.

É fácil compreender esse processo no plano político: nasci em um lar comunista, mas em algum momento da minha adolescência comecei a questionar as crenças e as convicções de meu pai, até constituir as minhas próprias... deixei de me definir, nesse plano, por um “nós” familiar e passei a integrar o “nós” de um outro partido político e de uma outra geração. Ser adulto é se fazer responsável pelas próprias ações, mas ser autônomo é se responsabilizar pelas crenças e convicções. Não é tarefa fácil: nada mais difícil que mudar de ideia; exige muita coragem e muita força. Só os espíritos verdadeiramente livres conseguem, e nunca sem esforço. Exige dar mais peso e mais valor ao próprio olhar que ao olhar dos outros. Mas nunca se trata de um processo solitário: a individuação ocorre sempre no encontro, na relação. Assim, paradoxalmente, para eu ser realmente indivíduo, preciso dos outros.

Saber e crença são conceitos muito próximos, separados por uma fronteira tênue. Um saber é uma crença compartilhada com outros, sem lugar para questionamentos, uma crença estabelecida com valor de verdade para além das dúvidas. Seu fundamento pode ser uma religião (e então se chama fé), uma ciência ou uma tradição. Quando você questiona um saber alheio e diz que é uma crença, costuma receber respostas duras. Se eu colocar em dúvida a

santidade do Profeta, corro o risco de ser morto; se duvidar da virgindade de Maria, serei excomungado. Se questionar a autoridade do juiz, serei preso; assim como se decidir sair pelado pelas ruas ou queimar uma bandeira nacional. Dizer “Acho que te amo” não basta à minha namorada: ela precisa *saber*.

Os saberes são tão enraizados que quem acredita neles não consegue imaginar que possam ser questionados: têm valor absoluto. Quando estamos dentro de um saber não nos é dado ver as suas fronteiras, os seus limites. Um exemplo curioso é o do saber científico: quem o pratica muitas vezes não percebe a contradição que há no fato de se acreditar cegamente na ciência e na razão como as únicas possibilidades, inquestionáveis, de se conhecer o real. Como ocorre com uma religião, se eu questionar a infalibilidade de uma ciência, ou os limites da razão, serei taxado de obscurantista. Mas essa mesma ciência pode ter dito o oposto do que ensina hoje, apenas alguns anos atrás.

Antes da revolução copernicana, que deu origem à ciência moderna, era certo crer que a Terra era plana: era um saber, não uma crença, e quem achasse o contrário estava equivocado. A ciência antiga provava com observações as suas teorias, criava modelos, fazia previsões corretas a partir do saber da época; era ciência, havia dados empíricos – e afirmava que a Terra era plana. Hoje surpreende que alguém possa acreditar que a Terra não é esférica: sabemos que ela é. Mas existem os chamados terraplanistas: gente que defende que vivemos em um mundo tão plano quanto a mesa onde eu escrevo. Perante um caso individual de terraplanismo pensamos estar diante de um louco ou um imbecil; mas são milhões (11 milhões apenas no Brasil) as pessoas que compartilham essa crença, gente que tem uma convicção absoluta de seu saber a respeito. Isso significa que há algo de novo acontecendo e devemos prestar atenção. Em que momento os terraplanistas terão direito a exigir que as suas teorias sejam ensinadas nas escolas? Qual o argumento que não seja dogmático para refutar essa exigência? E se eles virarem maioria?

A crença de uns poucos pode se transformar em saber de muitos e isso se chama quebra de paradigma ou revolução. A Revolução Francesa, a abolição da escravidão, a criação da Organização das Nações Unidas e a educação universal são mudanças que nasceram da crença de alguns, levada ao patamar de saber comum depois de muitos esforços, luta e resistência. São casos que mostram a mudança ocorrendo a partir do indivíduo, ou de alguns indivíduos, para o conjunto de uma sociedade ou de uma cultura.

Mudanças nas convicções pessoais também custam trabalho e esforço. Dói deixar para trás uma convicção, pois nossas convicções nos definem e nos estruturam, e quanto mais profundas e arraigadas, mais determinam quem somos. É necessário que o coletivo mude de maneira muito firme para demover algumas pessoas de certas convicções e crenças e muitas vezes, quando isso não ocorre, é preciso haver uma mudança geracional para que a humanidade possa deixar para trás conceitos que precisam ser abandonados. A noção corriqueira de que os jovens querem mudar o mundo e os velhos são conservadores deriva, justamente, dessa dinâmica: uma pessoa mais jovem incorporou na sua formação um número comparativamente maior de crenças renovadas; o estoque de convicções antigas é menor. Mudamos individualmente com os outros, mesmo quando não percebemos, e a nossa mudança pessoal alimenta mudanças maiores, nos coletivos que nos contêm e que ajudamos a construir.

Por isso tudo, o conceito de comunicação é muito mais rico e mais complexo do que o tradicionalmente ensinado nas escolas de jornalismo: um emissor que envia uma mensagem, um receptor que a recebe e a decodifica. Esse modelo simplifica demais um processo complexo, pois foi criado para descrever o que ocorre em aparelhos elétricos, como o telefone, o telégrafo, o rádio, e não para tratar da comunicação humana. O engenheiro Claude Shannon, da companhia telefônica Bell, nos Estados Unidos, descreveu esse modelo numa revista técnica² no fim dos anos 1940, para dar conta do funcionamento de aparelhos de comunicação.

Há diferenças relevantes entre o ser humano e o telégrafo ou o rádio. Uma delas é que aparelhos foram concebidos e fabricados com a única finalidade de enviar e receber mensagens, o que não é o caso do ser humano, que nem foi fabricado nem tem uma finalidade prática. O engenheiro teria um problema se o telefone tivesse liberdade; e, diferente de um homem, a história de um aparelho de comunicação se resume a um plano de desenho e um processo de fabricação.

Ainda, quando pensamos a comunicação em termos de dois sujeitos que trocam mensagens, estamos deixando de fora o fato de que é na comunicação que se faz a consciência. Eu escrevo aqui, o leitor lê, a mensagem passa por meio de um código comum... mas se o escritor e o leitor estão aí, é porque antes houve comunicação num sentido bem mais amplo e rico. Foi na comunicação que eles se fizeram, fazendo também este mundo em que coabitam. Quando Descartes diz “Penso, logo existo”, já há aí uma consciência, e essa consciência pensa em uma língua e com estruturas que ela não criou e acontecem a partir dessa condição do ser humano que se chama comunicação. A comunicação é anterior à consciência e a produz – o que não é verdade para um telefone ou um rádio, e por isso uma abordagem técnica do humano resulta insuficiente.

A comunicação é o que se chama de “traço existencial”: como dizemos, é a comunicação que faz homens e mulheres. É por isso que o *Homo sapiens* é, antes e sobretudo, um *Homo communicans*. E isso é cada vez mais verdadeiro. O que já era um traço original da humanidade foi sistematicamente aperfeiçoado e potencializado como uma habilidade, uma competência diferenciadora que fazemos questão de aprimorar. Assim, ao longo dos séculos, a evolução das técnicas de comunicação tem se acelerado até desaguar neste século XXI, que talvez possa ser definido pelo grau de conectividade alcançado por todos os habitantes do planeta. Não existe área de nossa existência que não tenha sido e esteja sendo alterada pela nova realidade da comunicação humana.

“Sentados nos ombros de gigantes”, falavam os homens do Renascimento como reconhecimento da importância da cultura clássica, cujos saberes lhes permitiam olhar mais longe. Eles entenderam que não precisavam começar tudo desde o início, que teriam grandes vantagens em incorporar aquilo que os clássicos tinham desenvolvido e partir daquele ponto. O saber não somente se acumula, ele ganha na pluralidade: cada ser humano contribui com sua parte, pequena ou grande, nessa gigantesca construção multiforme que é a cultura. Quando eu vou escrever um livro sobre comunicação, aqueles que pensaram antes de mim me fornecem uma base a partir da qual posso seguir com a minha própria contribuição. Se o que eu falo é de alguma maneira original ou relevante, então será incorporado nesse saber coletivo para que outros possam, por sua vez, se servir dele. Ter acesso ao saber dos outros é condição para poder contribuir com o saber comum, por isso a circulação das ideias beneficia o conhecimento. As bibliotecas e as universidades foram a materialização desse saber plural: as bibliotecas reunindo o saber acumulado e fazendo com que ele estivesse sempre ao alcance daqueles que necessitassem dele para construir algo novo; as universidades colocando em contato as pessoas para promover transmissão de saberes (mediante as aulas) e construções coletivas (pela pesquisa). Mas não são os únicos casos nem exemplos, apenas os que mais facilmente ilustram o conceito de saber coletivo acumulado e em construção.

A Escola de Sagres transformou Portugal em potência marítima no século XV. Os portugueses conquistaram boa parte do mundo e chegaram ao território do que hoje é o Brasil. Em Sagres, reuniam-se cartógrafos, astrônomos, construtores de navios, navegantes e outros especialistas nas artes que permitiram aos marinheiros atravessar oceanos, sair do limite estreito da navegação à vista de costa. Mas a Escola de Sagres nunca existiu como uma entidade formal, um prédio com salas de aula, professores e um currículo. Chamou-se *escola* à concentração de todo esse saber em um só lugar, a vila de Sagres, fundada pelo Infante D. Pedro no Algarve; ao conjunto de conhecimentos sobre os astros, as representações da terra e dos mares, as rotas

possíveis e os perigos descobertos, exigências para que um navio fosse capaz de encarar as rotas interoceânicas. Quem sabia disso eram as pessoas que por ali circulavam, era um conhecimento que se difundia, se enriquecia, se multiplicava nas trocas.

Vasco da Gama é lembrado como aquele que conseguiu abrir a rota das especiarias, virando o Cabo da Boa Esperança para chegar à Índia. Mas o relato de sua navegação histórica começa no mínimo 80 anos antes, com as primeiras tentativas de se encontrar uma via navegável em direção ao leste. Muitas pessoas morreram, muitos navios afundaram na construção progressiva de um conhecimento sobre as costas africanas, seus ventos e suas correntezas; esse conhecimento foi sistematicamente alimentando novas cartas náuticas e novos manuais de navegação. Foi graças a essas cartas e esses manuais que Vasco da Gama logrou a façanha que, por sua vez, daria lugar à primeira volta ao mundo, iniciada sob o comando de Fernão de Magalhães e finalizada pelo espanhol Sebastián Elcano. A navegação é um exemplo muito claro de saberes que se sedimentam ao longo dos séculos, desde os tempos dos vikings até a atualidade: de nós e manobras a palavras como iate (de *jacht*, barco em língua viking), a cultura náutica é fortemente alicerçada numa tradição milenar.

Todos os exemplos anteriores falam de comunicação: consciências que se unem para aprender, saberes e ideias que se transmitem, atravessando as fronteiras do individual. A comunicação também evolui pela construção coletiva: condição do ser humano desenvolvida como capacidade, alimenta sua própria dinâmica de crescimento. A técnica tem melhorado e ampliado as possibilidades de nos comunicarmos. Ideogramas e pictogramas, sistemas de transmissão de mensagens sonoras ou visuais à distância, línguas faladas e escritas, processos de reprodução, de armazenamento e de distribuição... A cada progresso das técnicas de suporte à comunicação humana ocorreram mudanças na forma de nos relacionarmos com os outros e com nós mesmos. A imprensa de Gutenberg e a digitalização em rede trouxeram mudanças

profundas em nossas vidas, comparáveis com as grandes travessias que levaram a Europa à Ásia, África e América e com o avanço na aviação.

Com cada um desses avanços, o mundo se reduz em distâncias e cresce em riqueza e variedade. Nossa experiência individual se expande além dos horizontes imediatos e nos permite, cada vez mais, ser cidadãos do mundo. Para ser *sapiens*, os humanos necessitam ser *communicans*. O saber coletivo ganha espaço e volume, permitindo a expansão do indivíduo muito além do que era sequer imaginável um século atrás. Isso não necessariamente reflete em cada pessoa: gente burra, tosca e insensível houve e haverá, mas o ser coletivo da humanidade se beneficia diretamente da evolução das possibilidades de comunicação.

A evolução humana se acelera à medida que os instrumentos de cooperação se aperfeiçoam e se fazem acessíveis a mais gente. Uma Escola de Sagres de escala global está instalada: ser *communicans* é cada vez mais o que singulariza o *Homo sapiens*. O *Homo communicans* é, ao mesmo tempo, a origem do *sapiens* e um *sapiens* melhorado, dotado de formas mais eficientes de cooperação.

Herdamos um mundo dos que nos precedem e contribuímos na sua construção em conjunto com aqueles que nos rodeiam. Não podemos fugir desta *corresponsabilidade* pelo mundo: meu agir faz o mundo, ainda que eu não queira ou finja que não sei. Para habitar esse mundo plural, que é de cada um, mas que não é de ninguém de maneira exclusiva, precisamos interpretar. Interpretar o mundo é a forma humana de habitá-lo. Como a aranha tece uma teia para habitar o mundo, nós tecemos interpretações. As interpretações não são apenas individuais: elas vêm com o leite materno, com a cultura que cada um habita, com a língua própria e com os mitos que nos precedem. É isso que nos permite estabelecer os consensos necessários para habitar um mundo comum: a comunicação empírica, para lidar com os aspectos objetivos da vida; a comunicação racional para compreender, para explicar e poder fazer previsões. Já a comunicação existencial busca sentido para as coisas do mundo e para nós mesmos. Comunicação é isso tudo também.

Mas a comunicação tem ainda uma outra função: é a matéria da qual se constrói cada identidade individual. Sou a história que conto a mim mesmo e aos outros sobre mim, diz a Filosofia hermenêutica contemporânea. A identidade é narrativa. Se alguém pergunta “Quem é você?”, vou responder com um nome, um sobrenome. Posso mostrar o documento: a foto e a impressão do meu dedo procuram registrar aquilo que não muda. O meu DNA me identifica e há registros notariais com meus dados e a minha assinatura. Mas isso tudo ainda não diz quem eu sou: para isso devo contar uma história. Somente a narração consegue juntar e dar sentido ao conjunto de memórias e vivências, de histórias próprias e alheias que se entrelaçam para constituir esse ser único que posso chamar de eu. Um ser complexo, contraditório, cheio de ambiguidades e áreas obscuras que apenas o enredo da narrativa, do relato, consegue amarrar.

Ninguém conta a própria história sozinho. Seres comunicantes desde o nascimento, dependemos dos outros desde que chegamos ao mundo e seguimos dependendo para estar nele. Não há individualismo que consiga eliminar o que nos une ao resto da humanidade, um conjunto de laços que inclui as histórias e as tradições, a religião, a língua, as escolas de pensamento e as ciências que definem os contornos de nosso canto no universo. Instituições e leis, sistemas de troca e de trabalho, objetos físicos e simbólicos, conjuntos de aprendizados e modelos de justiça, produções culturais e, claro, amizades, família, colegas, chefes, clientes. Os outros estão em cada dimensão possível do meu ser e, mais uma vez, é por isso que comunicação que nos faz humanos.

O eremita carrega o legado de crenças e perguntas que talvez busque responder em seu retiro. O astronauta é levado até sua órbita planetária por uma herança de técnicas e saberes e o velejador solitário é acompanhado pelos milhares de marinheiros anônimos que somaram suas observações nas cartas náuticas e nos livros que hoje o guiam. O tirano isolado na torre de seu palácio, o verdugo que janta sozinho, o depredador das finanças que sobrevoa o mundo num jato feito de suor alheio. O suicida, o autista, o asceta, o iogue, o

herói, o Cristo na cruz e o Buda ascendendo, o mártir e o vilão, o *sniper* e o caçador... todos levam consigo um nós, um nós-outros que nada e ninguém pode apagar.

Somos seres plurais e não temos menos necessidade de comunicação que de água, alimentos e oxigênio. Mas vivemos como se isso não fosse verdade. Nosso tempo está marcado pelo império do *cogito* cartesiano (“penso, logo existo”) e do individualismo entendido como sinônimo de liberdade. Uma ideia problemática que provoca sofrimento e solidão. Ao eliminarmos a dimensão plural, retiramos um sustento essencial do ser. Andamos mancos quando pretendemos sair ao mundo apoiados apenas no “eu”, deixando o “nós” para um segundo plano, convertido em algo menor. A religião, o amor e a amizade são manifestações da necessidade de sermos junto com as outras pessoas. O herói solitário e autônomo é uma ficção que sobrevive apenas num imaginário empobrecido e árido, esquecido do caráter comunicante do ser humano.

Ansiedade, cansaço e insatisfação são marcas de nossa época, do que se conhece como sujeito pós-moderno. A convicção religiosa e a Filosofia não mais são suficientes para dar respostas aos interrogantes fundamentais sobre o sentido da vida. O capitalismo, na fase atual do consumo exacerbado, usufrui desta falta: nos entupimos de objetos e de grifes para vestir uma imagem, uma máscara que levamos enquanto corremos sem saber muito bem nem de onde saímos nem para onde vamos. Consumindo e construindo uma identidade virtual nas redes sociais, criamos barulho bastante para não ouvir as questões mais profundas que nos angustiam.

O sujeito de nosso tempo está quebrado e perdido. É o sujeito pós-moderno: individualista, não reconhece nas relações interpessoais um lugar seguro para se apoiar; prefere o “eu” ao “nós”. Mas ele, sozinho, também não se basta e precisa do olhar dos outros, da aprovação de seus contemporâneos. Egoísta demais para se preocupar com o próximo, ele também não é autossuficiente, e aqueles que o rodeiam são meios para justificar a própria existência.

São os outros que me dizem quem eu sou. É o negócio das redes sociais, onde o olhar alheio e o aplauso ajudam a preencher o vazio da minha alma. Nelas, eu consigo criar uma ilusão de conexão sem precisar realmente me importar, me envolver. Como uma casca que me envolve e me protege, a minha identidade virtual compensa aquilo que falta dentro. Mas o remédio nunca é bastante e a dose precisa sempre aumentar. É o consumismo levado ao terreno existencial mais íntimo.

A comunicação digital em rede potencializou as capacidades de comunicação empírica e racional elevando-as a patamares inimagináveis. Mas a comunicação existencial, a que diz respeito ao nosso ser profundo, não ganha necessariamente com os avanços tecnológicos. Pelo contrário, ela pode ser cerceada e limitada pelo excesso e pelo apresamento, pela simulação de proximidade que as redes sociais fornecem. Vivemos, assim, o paradoxo da descomunicação existencial acontecendo em um mundo onde as possibilidades de se comunicar (em termos pragmáticos e racionais) são cada vez mais eficientes. Compreender a dinâmica da comunicação, o seu sentido profundo para além da tecnologia, deve ajudar a sair dessa contradição.

O TAMANHO DO MUNDO

Uma revolução nas comunicações tem o poder de mudar o tamanho do mundo. A imprensa de Gutenberg é o melhor exemplo. Oficialmente inventada em 1440, na cidade alemã de Mogúncia, por Gutenberg, ourives de profissão e pai da ideia de se usarem tipos móveis, fundidos, para imprimir livros. Apenas 40 anos mais tarde já havia tipografias funcionando em mais de 110 cidades em toda a Europa Ocidental. Cerca de 50 anos após o primeiro livro ser impresso, foram produzidas pelos menos 35 mil edições, o que significa 15 milhões de exemplares, talvez até 20 milhões. Numa população europeia de menos de 90 milhões de pessoas, o número é imponente. Entre os anos 1500 e 1600, foram 150 a 200 milhões de exemplares impressos, em 150

a 200 mil edições diferentes. A Igreja logo viu uma oportunidade de ampliar o alcance de suas ideias, tornando a Bíblia acessível a mais gente e não apenas em latim, mas em línguas vernáculas. Mais da metade dos livros impressos no século XV eram religiosos. Mas já no século seguinte eram menos de um terço.

Antes da prensa, os livros eram copiados à mão, por copistas, normalmente em mosteiros. Cada livro tinha um valor (e um custo) muito grande, pois eram escassos, e um pesquisador precisava se deslocar grandes distâncias para ler um texto. Se hoje isso seria uma complicação, pense no que ocorria à época. A maneira mais prática de atravessar o continente era a cavalo, melhor mesmo do que de carroça ou outro veículo com rodas, por causa do estado das estradas. Quem não tinha cavalo, caminhava. Mosteiros, hospícios, pousadas e albergues recebiam os peregrinos, mas não era incomum dormir ao ar livre. Havia assaltantes, então melhor viajar acompanhado. Um pequeno grupo com bons cavalos poderia se mover até 50 km em um único dia, mas um grupo maior que incluía animais de carga, um carrinho ou viajantes a pé poderia fazer no máximo metade dessa distância.

Com a prensa e as grandes navegações, os limites dos europeus se alargavam e o saber ficava mais próximo.

Pulemos agora ao século XX. Os transportes e a tecnologia da comunicação também alteraram a nossa relação com o espaço. Primeiro, pelos navios a motor, que fizeram com que uma viagem de navio entre Porto e o Rio de Janeiro, que antes exigia de 45 a 60 dias, fosse realizada em 20 dias ou até mesmo 15. Mas coube à aviação comercial encurtar as distâncias e reduzir os tempos de deslocamento de maneira drástica. Em 1919 foi criada a primeira companhia de transporte aéreo do mundo, a holandesa KLM; e no Brasil, em 1933, a Vasp (Viação Aérea São Paulo) fez suas primeiras viagens ao interior, estabelecendo a rota entre Rio e São Paulo em 1936.

A comunicação digital em rede também reduziu as distâncias e encurtou os tempos. Aumentou o número de nossas interações com pares. Nos aproximou de pessoas que já eram queridas, mas com as quais a comunicação era esparsa.

Grupos de WhatsApp mantêm cotidianamente em contato irmãos que moram longe, filhos, amigos espalhados pelo planeta. Ajudam pesquisadores a encontrar bibliografia, trocar ideias, aprender melhor, pensar juntos. Organizam mobilizações, derrubam políticos, condenam pedófilos, promovem mudanças sociais. No total, os usuários de redes sociais somam 3,6 bilhões em 2021 e devem chegar a 4,4 bilhões até 2025. Aplicativos de mensagens estão se fazendo ubíquos. Os números de WhatsApp são impressionantes: em 2020, a rede possuía 1,5 bilhão de usuários no mundo, com mais de 1 milhão somando-se a cada dia; e o Brasil era o segundo país com o maior número de usuários: 120 milhões, só atrás dos 200 milhões da Índia. Messenger tinha 1,3 bilhão de usuários no globo e Wechat 1,2 bilhão.

Para compreender a comunicação na era digital é necessário, como vimos, deixar de lado os modelos usados no século XX, quando a comunicação ainda era analógica. Nosso foco não é a tecnologia em si, e sim o lugar que a comunicação ocupa na vida dos homens. Afinal, a comunicação é um traço existencial do ser humano, algo que nos define como espécie. Somente assim conseguimos compreender a relevância que têm as mudanças tecnológicas nos meios de comunicação das últimas décadas e por que alteraram e estão alterando todos os aspectos da nossa vida.

O NOVO ECOSISTEMA DA MÍDIA

Toda mídia opera sobre nós de uma forma total. Os meios têm consequências pessoais, políticas, econômicas, estéticas, psicológicas, morais, éticas e sociais tão intensas que não deixam nenhuma parte nossa intocada, não afetada, inalterada. O meio é a mensagem. É impossível qualquer compreensão sobre mudanças sociais e culturais sem um conhecimento do modo como a mídia funciona como contexto.³

Marshall McLuhan⁴ publicou *O meio é a mensagem* em 1967. À época, muitos alertavam sobre o risco dos *mass media*, os meios de massa, que estariam destruindo a essência do ser humano, dominando populações inteiras e causando danos irreversíveis na capacidade de pensamento, aprendizagem e de relacionamento. Seria o fim da família, que tinha trocado o almoço à volta da mesa por um minipúblico abstraído, passivo e silencioso diante da TV. O cérebro das crianças estaria sendo moldado com ideologias ocultas por algo tão aparentemente inofensivo como os gibis do Pato Donald.

Mas existia o outro lado, o dos entusiasmados por uma nova era da humanidade, que iria expandir seus limites graças aos meios de comunicação. A liberdade de expressão, nessa visão otimista, alimentaria as democracias em boa parte do planeta enquanto as feridas da Segunda Guerra saravam. O jornalismo independente e de qualidade funcionaria como um eficiente contrapoder disposto a denunciar abusos do Estado. Grandes negócios eram construídos em conglomerados de mídia, de dimensão muitas vezes nacional, e sempre com missão civilizatória. TV, rádio, jornais, revistas criavam consenso sobre os grandes temas nacionais, levavam educação, entretenimento e informação em milhões de lares. Uma visão idílica na qual mídia, progresso e democracia andavam de mãos dadas sob os céus do mundo livre.

Foi Umberto Eco⁵ quem deu a definição perfeita de como se vivia o momento no seu livro *Apocalípticos e integrados*, de 1964. Os apocalípticos apresentam os *mass media* como os grandes vilões que ameaçam a humanidade e que eles, alçando-se sobre a massa dos alienados como super-homens, irão denunciar e combater. Já os integrados não criticam: eles vivem sem questionar aquilo que se chamou de “indústria cultural”, o conjunto de produções de arte e entretenimento sob o modelo de consumo.

Muito daquilo que se vivia em meados do século XX continua vigente, reforçado pelo avanço da tecnologia e a aceleração do consumo. A imagem do Apocalipse é até mais forte agora, quando a ciência mostra como a atividade humana pode acabar com a vida no planeta sem necessidade de bombas

atômicas. A cultura, a liberdade e a democracia são ameaçadas por correntes obscurantistas e a técnica e a comunicação são elementos centrais em qualquer distopia. Como na década de 1960, hoje há apocalípticos que veem aqueles movimentos se repetindo. Antes era com a TV, hoje nos inquietamos com a desconexão entre pessoas que jantam juntas olhando para as telas dos respectivos celulares: vivemos isolados em um mundo hiperconectado. E somos espionados pelas máquinas. Trocamos nossa intimidade pelo conforto das novas tecnologias: comandos por voz, mapas inteligentes, conversas instantâneas ao redor do planeta, serviços de delivery. Estamos aceitando a perda da liberdade de maneira gradual e constante.

O microfone nos escuta, as palavras são interpretadas por um algoritmo capaz de detectar necessidades para fazer um anúncio pular na nossa frente, oferecendo aquele produto sobre o qual acabamos de conversar em roda de amigos. Isso é possível? A tecnologia está pronta. Que exista de maneira maciça, depende da viabilidade econômica da operação. O Gmail sugere respostas às mensagens que recebemos e oferece produtos e serviços vinculados ao conteúdo de trocas pessoais. Alguém olha por cima de nosso ombro, lê tudo o que escrevemos, escuta tudo o que falamos, nos enxerga por uma câmera sem nossa autorização... e lidamos com isso de maneira pacífica.

Os otimistas têm boas razões para acreditar que a revolução digital vem para fazer nossa vida melhor. Quem pode discutir os benefícios da educação a distância? Do compartilhamento de conhecimentos que o acesso a bibliotecas e o trabalho de equipes remotas permite? O fenômeno tem muitos pontos em comum com aquilo que aconteceu com a imprensa de Gutenberg, quando a produção e o armazenamento de informações fizeram-se mais baratos.

A mudança vem de dois fatores que se complementam: de um lado, o armazenamento e a produção em suporte digital; do outro, sua distribuição em rede. Com isso, o volume de informações geradas dobra a cada dois anos, e a estimativa é que já tenhamos produzido juntos, entre fotos de celular, documentos digitalizados, e-mails, mensagens de texto, música, filmes, mais de

44 zettabytes. Mais do que os 42 zettabytes onde cabem todas as palavras faladas desde o início da fala humana, gravadas em formato digital. Em um dia são enviados 500 milhões de tweets, postadas 52 milhões de fotos no Instagram, feitas quase 6 bilhões de buscas no Google. Mais de 2,6 bilhões de pessoas (um terço da população mundial) possuem contas ativas no Facebook. Trata-se de um novo dilúvio, diz o pesquisador francês Pierre Lévy.

Durante uma entrevista nos anos 50, Albert Einstein declarou que três grandes bombas haviam explodido durante o século XX: a bomba demográfica, a bomba atômica e a bomba das telecomunicações. Aquilo que Einstein chamou de bomba das telecomunicações foi chamado por Roy Ascott (um dos pioneiros e principais teóricos da arte em rede) de segundo dilúvio, o das informações. As telecomunicações geram esse novo dilúvio por conta da natureza exponencial, explosiva e caótica de seu crescimento. A quantidade bruta de dados disponíveis se multiplica e se acelera. A densidade dos links entre as informações aumenta vertiginosamente nos bancos de dados, nos hipertextos e nas redes. Os contatos transversais entre os indivíduos proliferam de forma anárquica. É o transbordamento caótico das informações, a inundação de dados, as águas tumultuosas e os turbilhões da comunicação, a cacofonia e o psitacismo ensurdecedor das mídias, a guerra das imagens, as propagandas e as contrapropagandas, a confusão dos espíritos.⁶

Lévy é o criador de conceitos úteis para pensar na nova realidade da comunicação. Ciberespaço, por exemplo: não é apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas sobretudo o universo de informações que nela transitam, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Cibercultura: o conjunto de técnicas materiais e intelectuais, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. Vivemos, diz Lévy, um processo de

universalização da cibercultura, pois estamos mais e mais imersos nas novas relações de comunicação e produção de conhecimento que ela nos oferece. É a virtualização, entendida não como oposição ao real ou ao material, mas como uma nova forma de se conceber o real, um real desterritorializado.

O ciberespaço cresce de maneira constante, orientado por três princípios: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. Comunidades virtuais “são construídas sobre afinidades de interesses e de conhecimentos, sobre projetos, em um processo mútuo de cooperação e troca”.⁷ A inteligência coletiva surge da colaboração de um grande número de indivíduos. “É uma inteligência distribuída por toda parte, na qual todo o saber está na humanidade, já que, ninguém sabe tudo, porém todos sabem alguma coisa”.⁸ Raciocínio, memória e imaginação, funções cognitivas do ser humano, ampliam-se e exteriorizam-se, e esse é o grande poder da nova realidade do saber humano. Que esse poder seja usado para o bem ou para o mal já se trata de outra discussão.

Do ponto de vista dos consumidores e dos usuários, a primeira vantagem é uma maior facilidade de acesso a informações outrora distantes, mesmo inatingíveis. Qualquer pesquisador com uma habilidade mínima é capaz de reunir em umas poucas horas mais material sobre o assunto de seu interesse do que seria possível depois de anos de árdua garimpagem no século XX. Mas quantidade não é necessariamente qualidade e a dificuldade é, hoje, separar o que presta do que não passa de lixo, ou propaganda, ou *copy-paste* de trabalhos sérios.

Fake news não são privilégio do jornalismo. Existe um mundo lucrativo de falsas publicações científicas. *Journal of Economics and Finance* é uma revista de seriedade inquestionável onde é difícil ser publicado. Então, alguém criou o *Journal of Finance and Economics*, que não passa de um engodo; o objetivo é cobrar de pesquisadores que não são aceitos no primeiro. Alguns aceitam pagar por estarem desavisados, outros porque precisam, de qualquer jeito, aparecer em publicações científicas (ou “científicas”). E o negócio rende: há mais cópias

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Ciberpopulismo"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).